



O ESTIGMA DO HOMEM QUE COMETE ATOS VIOLENTOS¹

THE STIGMA OF THE MAN WHO COMMITS VIOLENT ACTS

**Luiza Possati Souto², Sonia Aparecida da Costa Fengler³, Ana Luisa Dessoy Weiler⁴,
Maria Eduarda Silva Martins⁵, Ester Eliana Hauser⁶**

¹ Resumo expandido desenvolvido no âmbito do projeto de extensão Cidadania para Todos.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PIBEX/UNIJUI, luiza.souto@sou.unijui.edu.br

³ Professora do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, Mestre em Educação pela UNIJUI, dacosta@unijui.edu.br

⁴ Mestranda em Direito pela Unijui, bolsista PROSUC/CAPES, voluntária do Projeto de Extensão Cidadania para Todos, ana.weiler@sou.unijui.edu.br

⁵ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PIBEX/UNIJUI, maria.silva@sou.unijui.edu.br

⁶ Professora do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, Mestre em Direito pela UFSC, estereh@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é oriundo das reflexões acerca de processos e práticas de educação em questão de gênero e violência, vivenciadas a partir das experiências do Projeto de Extensão Cidadania para Todos, desenvolvido por estudantes e professores dos Cursos de graduação em Direito, Psicologia, Pedagogia e Comunicação Social da Unijui, desde o ano de 2006, com o objetivo de incentivar a reflexão crítica sobre temas da cidadania e direitos humanos.

A reflexão acerca do gênero e violência no Cidadania para Todos, se faz tanto por falas, como também por meio de uma oficina que apresenta papéis de gênero culturalmente construídos, levando os participantes a refletir como a construção desses papéis impactam suas vidas, possibilitando que falem abertamente sobre o que mudariam ou não. Isso porque, o Projeto de Extensão Cidadania para Todos acredita que a educação em gênero, sexualidade e violência é a melhor forma de libertar estereótipos opressores e auxiliar a construir uma sociedade mais igualitária. (BRONZATTO et al, 2017).

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as reflexões sobre os papéis masculinos, construídos pela desigualdade de gênero, e como os mesmos contribuem para a violência doméstica contra a mulher, motivo pelo qual falar sobre gênero



com e para homens tem se mostrado uma necessidade para acabar com a perpetuação da violência e deve ser trabalhado no âmbito da saúde coletiva.

METODOLOGIA

Para a construção teórica deste trabalho, utilizou-se do método hipotético-dedutivo, mediante a realização de pesquisas bibliográficas em livros, textos e artigos provenientes da internet. Estudos que subsidiam o planejamento, organização e realização de oficinas de extensão sobre a temática de, sexualidade e violência, na esfera do Projeto de Extensão Cidadania para Todos. A realização deste trabalho também apresenta reflexões resultantes das oficinas de gênero realizadas durante o Profissional do Futuro 2022, na apresentação do Curso de Graduação em Direito da Unijuí.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Carine Casali Casagrande (*et al.*,2016) o fenômeno da violência de gênero se apresenta como um grave problema social, e tem como uma das suas definições a ação violenta produzida em diversos espaços, como por exemplo, a escola, incidindo, de forma mais brutal sobre a mulher, ou sobre o pólo feminino ou feminilizado de uma relação. A Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) trata a violência doméstica de forma multifacetada, uma vez que se apresenta na forma de violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos.

Para compreender a violência de gênero, necessário se faz compreender o patriarcado, o qual pode ser caracterizado como sendo

A dominação masculina sobre a mulher tanto em ambiente domiciliar quanto em outras organizações, por exemplo, política e cultura, ou seja, a função da mulher é subalterna a função do homem na sociedade em vários aspectos tanto economicamente e profissionalmente quanto fisicamente ou emocionalmente. (SOUTO *et al.*, 2021, p. 2)

Ocorre que, o patriarcado não exerce um papel qualitativo apenas sobre a mulher ou os corpos feminilizados, mas também sobre o homem e corpos masculinizados. Segundo Valeska Zanello (2018, p. 177), os homens foram comprometidos com qualidades que foram naturalizadas, ou seja: “ação energética, a atividade sexual, a coragem, a resistência física e moral, o controle de si (emoções e corpo), cabendo a eles o âmbito público e o trabalho reconhecido e remunerado”.



Da mesma forma que as mulheres caracterizadas conforme os padrões sociais estabelecidos pelo patriarcado, o homem também passa por um processo de subjetivação, o qual a autora caracteriza como pelo dispositivo da eficácia, o qual:

[...] implica dizer que um “verdadeiro” homem deve ser um “fodedor” e um trabalhador. Há também uma injunção negativa: Ele deve manter, real ou imaginariamente, o cu fechado, sob pena de ser visto como um homem em falta, um homem “desvirtuado”, um “boiola”, um “gay”. [...] no fulcro desse processo de subjetivação, na masculinidade hegemônica, temos a misoginia, um horror às mulheres e a suas qualidades. Ser homem é não ser “mulherzinha”. Nesse sentido, os homens são interpelados a se “endurecerem”: na relação consigo mesmos (tanto em seus afetos como em seus corpos), na relação com as mulheres e na relação com outros homens. (ZANELLO, 2018, pp. 270-271).

Nesse mesmo sentido, Heleieth Saffioti (2015) exemplifica que, se um homem foi abordado para dançar por um mulher que está jogando o jogo de ‘caça e caçador’, e ele recusar, será chamado de *marica*; em uma situação mais séria, por exemplo, na relação sexual, se o homem não conseguir manter uma ereção duradoura sentirá vergonha, e mesmo que haja compreensão por parte de sua parceira, há o aborrecimento. Isso acontece,

Porque o homem não falha, ou melhor, não tem direito de falhar numa situação como a figurada, já que representa a força, quase a perfeição. Não é fácil ser homem. Se há uma tarefa perigosa a ser realizada, por um grupo sexualmente misto, é sempre um homem o escolhido para fazê-la. Se tiver bom gosto seja para se vestir, seja para decorar sua casa, não é verdadeiramente homem, fica no limbo dos prováveis homossexuais. Se é sensível, é afeminado. (SAFFIOTI, 2015, p. 38)

O patriarcado, dentro da coletividade, resulta do desequilíbrio entre a desigualdade do *feminino* e do *masculino*, conseqüentemente produzindo um desentendimento sobre a igualdade (SAFFIOTI, 2015). Em outras palavras, “essas construções que ditam como deve ser o masculino e o feminino negam as diversas formas de ser um e outro. O ser humano é múltiplo em seus desejos, suas escolhas, seus objetos de relação e, portanto, deve ser respeitado em sua diversidade”. (NASCIMENTO, 2020, p. 26).

No discurso extremista de igualdade, quando a desigualdade do gênero feminino entra em pauta, torna invisível a fala do homem na discussão de gênero. Entretanto, é necessário haver lugares de fala para os homens, visto que, numa perspectiva social, todos têm direito a um lugar de fala. (RIBEIRO, 2021). Não havendo um lugar de fala, o sujeito exterioriza sua frustração com violência.

Quando encontra um lugar de fala, no qual o homem se sente seguro e capaz de olhar criticamente e empaticamente para a situação, é capaz de reconhecer suas ações e o impacto que causou no outro. Segundo Nascimento (2020, p. 26), “é possível revisitar os



comportamentos machistas, as ideias reducionistas, desconstruindo e reconstruindo maneiras mais saudáveis de ver o mundo e de se relacionar consigo e com o outro”. A melhor forma de fazê-lo? Com educação.

Diante disso, é perceptível que se apenas levado em conta o estereótipo de que a mulher é vítima e o homem é agressor/ofensor, fixa-se em uma ideia muito superficial, já que

O “agressor” é aquele que usa da violência para solucionar todos os seus conflitos, que não tem capacidade de resolver os desentendimentos ou as objeções de forma pacífica. A “vítima”, por sua vez, é impotente, está à mercê do outro e impossibilitada de sair do lugar. (NASCIMENTO, 2020, p. 30).

Romper esse ciclo, insistente e cansativo, de disseminar ideais errôneos e começar a criação de espaços para o debate e discussão deve ser feito a partir de diferentes possibilidades e em diferentes espaços. Simplesmente "salvar" o ofensor (pessoas que cometeram atos violentos) não é suficiente. É fundamental que haja um trabalho preventivo que deve ser feito antes, desde o momento em que o professor é formado e aprende a gerir a diversidade, até desde a forma como a escola lida com as concepções de gênero quando esses problemas aparecem em sala de aula. Assim como, quando a atenção primária à saúde recebe a gestante, orientando e acompanhando a gravidez e muitas outras situações. (NASCIMENTO, 2020, p. 32).

Em vista disso, a prevenção da violência doméstica, com vistas à desconstrução da masculinidade prejudicial, apresenta-se como um caminho a ser investigado. Essas oportunidades levam a profissão de psicólogo, e de outros profissionais, para além de ocasiões específicas de violência doméstica e põem as questões de gênero no cronograma de todas as disciplinas e campos de estudo e trabalho. (NASCIMENTO, 2020, p. 32).

Dado que as perspectivas sociais passam por absolutamente todos os indivíduos, é preciso trabalhar também na elaboração de todos esses conceitos. Além disso, é preciso, primeiramente, executar as propostas existentes com maior qualidade e eficiência, capacitando profissionais, orientando e desafiando a população direcionando pelas adversidades achadas nesta jornada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é nítido que a forma com que hoje os homens que cometeram atos violentos são julgados, pois não se julga a pessoa e sim seu comportamento, ou seja, todas as medidas organizadas para garantir a proteção da mulher apontam para punições nas quais o homem



que cometeu atos violentos seja dito ‘culpado’ judicialmente de forma coerente, porém é importante que a sociedade tome essas medidas aplicadas a esses sujeitos como responsabilizações dos seus atos e não culpabilização e punição, para que isso ocorra é necessário um trabalho interdisciplinar que envolva psicólogos, assistentes sociais, advogadas, poder judiciário, acerca da reflexão dos comportamentos violentos destes sujeitos para que esses atos não voltem a ocorrer.

É importante que a sociedade diferencie os atos do sujeito não rotulando o agressor como aquele que somente resolve seus conflitos com atos violentos e a vítima como aquela que se encontra estática. Esta não estigmatização permitirá aos sujeitos olharem para si de outro modo dando início a um movimento em direção a novas condutas.

Palavras-chave: Gênero. Violência. Patriarcado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONZATTO, Bruna *et al.* Questões de Gênero e Violência: As vivências de educação para os direitos humanos no âmbito do Projeto de Extensão Cidadania para Todos. In: **Salão do Conhecimento Unijuí - 2017**. XVIII Jornada de Extensão. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/8063>. Ijuí, RS: Unijuí, 2017.

CASAGRANDE, Carine *et al.* Educação em questões de gênero e violência: Um olhar a partir das vivências do Projeto de Extensão Cidadania para Todos. In: **Salão do Conhecimento Unijuí - 2016**. XVII Jornada de Extensão. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/issue/view/186>. Ijuí, RS: Unijuí, 2016.

NASCIMENTO, Gabriela do. **Desconstrução do estereótipo masculino: Uma via de combate a violência doméstica e de gênero**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Unijuí, Ijuí, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOUTO, Luiza et al. Violência doméstica contra a mulher: Gênero e perseguição. In: **Salão do Conhecimento Unijuí - 2021**. XXII Jornada de Extensão. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento>. Ijuí, RS: Unijuí, 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris Editora, 2018.